
Beleza, Estética e Identidade na Visão de Crianças Afrodescendentes: Um Estudo em duas Comunidades Quilombolas do Semiárido da Bahia¹

Eliã Siméia AMORIM²
Aurilene Rodrigues LIMA³
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

O presente trabalho faz parte de um estudo iniciado em 2012, em duas comunidades quilombolas, no semiárido baiano e atualmente desdobra-se no doutoramento em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Apresenta a pesquisa em campo realizada com crianças afrodescendentes destas comunidades, utilizando-se a Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, como base para a interpretação dos dados. Conclui-se que aos meios de comunicação, difusores e propagadores da estética socialmente aceita, faz-se responsável por trazer à baila modelos negros de sucesso. A escola brasileira deverá promover debates curriculares, revendo suas posturas e principalmente os docentes têm em suas mãos poderoso aliado na luta pela justiça social e pelo reconhecimento de pluralidades que somos; com direitos iguais, fortalecendo em seus alunos a necessidade de reivindicarem o cumprimento das Políticas Sociais Inclusivas; a devida distribuição da renda e a garantia de trabalho, proteção e equidade.

PALAVRAS-CHAVE: beleza; identidade; estética; comunidade quilombola; afrodescendentes.

1. OS SENTIDOS DE BELEZA, ESTÉTICA E IDENTIDADE

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Docente da Universidade do Estado da Bahia. Doutoranda do PPGCOM da ECA-USP, Programa DINTER UNEB – USP. email: eliasimeia@yahoo.com.br

³ Docente da Universidade do Estado da Bahia. Doutoranda do PPGCOM da ECA-USP, Programa DINTER UNEB – USP. email: aurilene.rl@bol.com.br

Ao se pensar em beleza negra no Brasil contemporâneo significa quebrar uma série de estereótipos e anti valores sedimentados por muitos anos. Para Vieira (2015, s.p):

Não é novidade que a estética negra – expressão entendida como conceitos e juízos de beleza baseada nas características da população negra – não é valorizada em nossa sociedade, diga-se de passagem, uma sociedade extremamente racista, que tenta a todo custo dissipar qualquer manifestação de negritude contida na mesma.

A estética dos cabelos lisos em contraste aos cabelos crespos e sem movimento ainda é, para muitos, uma barreira a ser vencida e apesar de nos dias atuais, a população negra ser 80% do total de 35 milhões de pessoas que ascenderam para a classe média ou seja, constituírem-se em consumidores em potencial, segundo o SAE (Secretaria de Assuntos Estratégicos, 2015) muito pouco ainda se tem a oferecer no mercado consumidor.

Ao remontar a história vivida pelos negros e seus descendentes no Brasil é possível perceber um cenário de lutas pela valorização, estima e direitos não assistidos; pois “embora estejam presentes culturalmente, eles constituem a categoria mais ausente e invisível social, político e economicamente” (MUNANGA, 1996, p. 217).

Por considerar que a identidade é construída ou forjada a partir de valores que são produzidos primeiramente no espaço vivido, culturalmente organizado, para configurar-se em ideal próprio (VYGOTSKY, 1998), ou seja, o desenvolvimento decorre da aprendizagem e não o contrário. Para cada construção de aprendizagem mais participação do processo histórico, social e cultural.

Hall (2000) afirma:

[...] ao invés de tomar a identidade como um fato que, uma vez consumado, passa em seguida a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la talvez como uma produção que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre construída interna e não externamente a representação (p. 68).

Iniciamos uma pesquisa a fim de compreendermos como as crianças afrodescendentes constroem suas identidades e para isto fomos a escolas públicas do município de Jacobina, na região do semiárido da Bahia, mais específico, do Piemonte

da Diamantina e visitamos também duas comunidades quilombolas. Este trabalho iniciado em 2012 se prolonga aos dias atuais e vem se desdobrando na pesquisa para o doutoramento em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, por meio do Programa DINTER entre a USP e a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, de onde somos docentes.

As crianças pesquisadas por serem afrodescendentes, trazem modelos já construídos socialmente do que é **ser negro, suas características e estereótipos estéticos do que é belo e bom** e estudos como de Fazzi (2006) demonstram que há possibilidade da criança eleger como seus os modelos e categorias sociais já existentes e relações intergrupos estruturados e reconhecidas pela comunidade.

A forma como se veem ou percebem o outro nos trouxe uma enormidade de argumentos e pistas para desvendarmos o sentido de identidade destas crianças por meio das representações estéticas e da beleza em seus pares. A seguir faremos uma breve descrição do desenvolvimento da pesquisa realizada, limitando bastante inclusive o universo da pesquisa, o lócus e a amostra.

Das 40 crianças, apresentaremos apenas alguns resultados obtidos em 20 dessas e somente nas comunidades quilombolas.

2. BASE DO ESTUDO E LINHA DE INVESTIGAÇÃO

Buscamos para este estudo o método de abordagem, pautado na pesquisa qualitativa, das Ciências Sociais, dentro de contextos históricos, que envolvem materiais empíricos como estudo de caso, história de vida, introspecção, artefatos, textos e produções culturais e/ou observacionais, interativos e visuais, que possibilitam a descrição dos momentos e significações cotidianas dos sujeitos, por meio de análises semióticas e narrativas. (DEMO, 1989; RICHARDSON, 2009).

Como investigação e interpretação dos dados pautamos nas Representações Sociais de Serge Moscovici para quem “as relações sociais que estabelecemos no cotidiano são fruto de representações, que são facilmente apreendidas”. (1978, p. 41).

Para que participassem da pesquisa, os critérios de inclusão adotados foram: ser afrodescendente, ter entre 10 a 13 anos; residir em comunidade quilombola; estudar 4º ano em escola pública municipal; ter disponibilidade e consentimento dos pais ou responsáveis. Foram convidadas 20 crianças, das comunidades quilombolas de

Coqueiros, em Mirangaba e Lage dos Negros, em Campo Formoso. Todas no semiárido da Bahia.

2.1 LÓCUS DA PESQUISA

Comunidade Quilombola de Coqueiros – Mirangaba, Ba

O povoado de Coqueiros situa-se em Mirangaba, Bahia, no Piemonte da Diamantina. A sede do município tem as coordenadas geográficas 10° 57' 14" de latitude Sul e 40° 34' 33" de longitude Oeste, a uma distância de 350 Km da capital. A comunidade abriga aproximadamente 600 habitantes, com as condições de moradia e saúde bastante precárias. As moradias rústicas, sem serviço de saneamento. A economia de subsistência é caracterizada pela agricultura familiar com cultivo de banana, arroz, milho, mandioca e feijão. A comunidade passou a ser denominada Coqueiros, em função da enorme quantidade de palmeiras da região, de coco babaçu.

O clima predominante é o sub úmido a seco, com todas as suas variações, dada a grande irregularidade na distribuição das chuvas. A vegetação típica da caatinga, rasteira e espinhosa, propícia para aguentar longos tempos de estiagem.

Coqueiros mantém as tradições culturais do samba de roda, reisado e candomblé. Uma das principais festas se dá com o tradicional casamento e são realizados mutirões como parte integrante da vida local. A comunidade foi reconhecida em 2006.

Comunidade Quilombola de Lage Dos Negros – Campo Formoso, Ba

O povoado de Lage dos Negros é uma comunidade quilombola pertencente ao município de Campo Formoso, distante 90 km da sede, na microrregião de Senhor do Bonfim e da 28ª região administrativa do Estado e Região Econômica do Piemonte Norte do Itapicuru. A extensão do município é de 6.806 Km². Com uma área superior a 1.000 Km².

O clima é o quente do semiárido, uma vez que o território está localizado no polígono das secas, com temperatura média entre 23 a 28° C, e as chuvas variando entre 300 a 2000 mm anuais. A região de caatinga é muito bonita com vegetação natural, cujas plantas armazenam água como os cactos, outras com raízes praticamente na superfície do solo para poder absorver o máximo da água da chuva, dentre elas: umburana,

juazeiro, jurema preta, ouricurizeiro, umbuzeiro, mandacaru, aroeira, pau d'arco roxo e amarelo. A fauna é rica em animais silvestres como: raposa, veado, teiú, preá, sagui, pomba asa branca, beija-flor, papagaio, carcará, gavião. Outras espécies têm sofrido a caça predatória e estão entrando em extinção, como tatu, onça, ema, periquito, pássaros diversos.

O relevo é diversificado apresentando uma cadeia de serras, vales, grotas, tabuleiros e grutas, dentre elas a Serra do São Francisco e o Vale do Salitre, de onde saem hortaliças irrigadas, grotas, tabuleiros. A economia é composta pelos setores Primário e Secundário, com a cultura do sisal, e da mamona, milho, feijão, mandioca, hortaliças e frutas. A caprinocultura prevalece em função das condições climáticas do local e pela resistência dos rebanhos, mas também se desenvolvem outras atividades como bovinocultura, suinocultura, ovinocultura e apicultura.

3. BELEZA E ESTÉTICA PARA AS CRIANÇAS AFRODESCENDENTES EM ESTUDO

Ao chegarmos às escolas, nos identificamos às crianças e estabelecemos contato não somente verbal, mas foram observadas formas como se relacionavam entre si. Não percebemos nenhum tipo de atitude preconceituosa entre pares, mesmo entre brancos e negros.

Solicitamos que participassem da atividade proposta, que era ouvir a história das duas princesas e a seguir responder a três perguntas e fazer um desenho representando cada uma delas. Para análise das respostas, utilizamos aportes da Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2003) onde se acredita que:

- 1) As representações não são as mesmas para todos os membros de uma sociedade, pois dependem tanto do conhecimento de senso comum (ou popular), como do contexto sociocultural em que os indivíduos estão inseridos;
- 2) Há um processo de representar sequências lógicas, tornando familiares objetos desconhecidos (novos) por meio de um duplo mecanismo então denominado amarração – ou “ancoragem” –, e objetivação, “processo pelo qual indivíduos ou grupos acoplam imagens reais, concretas e compreensíveis, retiradas de seu cotidiano, aos novos esquemas conceituais que se apresentam e com os quais têm de lidar”. (OLIVEIRA, 2010).

Foi lida para as crianças, uma história infantil, de nossa autoria, em que apareciam 02 princesas: uma linda e cheirosa (Aninha), outra suja, despenteada e grosseira (Maria). Solicitamos que as crianças fizessem um desenho de cada uma delas e nomeassem suas características.

Em nenhum momento foi dito ou sugerida a cor para alguma das princesas ou se pertenciam a alguma etnia.

As figuras a seguir exemplificam os modelos representados pelas crianças:



Figuras 1 e 2: Princesas Maria e Aninha, retratadas por uma criança quilombola.

O **Quadro 1** apresenta as características feitas pelas crianças:

Modelo Branco	Modelo Negroide
Cor da pele branca.	Cor da pele preta, marrom ou escura.
Cor do cabelo preto, loiro ou castanho.	Cor do cabelo preto.
Textura do cabelo liso, fino, comprido.	Textura do cabelo grosso, carapinha, cacheado, curto (apenas 02 compridos).
Nariz fino.	Nariz achatado, arredondado.
Lábios finos.	Lábios grossos.
Cabelos penteados para baixo, ou presos com rabo-de-cavalo.	Cabelos rebeldes, excessivamente volumosos ou presos por coque.

Fonte: Pesquisa em campo, atualizada.

Quanto à expressão do rosto, postura e outros elementos presentes nos desenhos:

Quadro 2: Características de Apresentação das Personagens

Modelo Branco	Modelo Negroide
Feliz.	Zangada.
Flores, sol, pássaros, nuvens, corações coloridos, pessoas sorrindo, borboletas, estrelas.	Raios, flechas, caveiras, armas.
Roupas coloridas	Roupas escuras

Fonte: Pesquisa em campo, atualizada.

Apenas em 01 desenho onde Aninha aparece negra há o acompanhamento de flores e do Sol.

As perguntas a serem respondidas versavam:

A 1^a: ‘Que qualidades você daria para a Princesa Aninha? Por quê?’

As repostas foram todas positivas: *bonita, animada, inteligente, asseada (toma banho), arrumada, linda, letra linda, vaidosa (usa batom), perfumada, bem comportada, limpa, cheirosa, grandes olhos brilhantes, pele macia, cabelos perfumados, pele macia, elegante, educada, rica, estudiosa, tem muitas bonecas, chique, querida por todos, alegre, esperta, gentil, carinhosa, organizada, legal.*

Responderam que ela é desta forma porque é uma princesa; os pais a educaram.

A 2^a: ‘Que qualidades você daria para a Princesa Maria? Por quê?’

As respostas foram todas negativas: *rebelde, fala palavrão, raivosa, mal educada, fedorenta, feia, suja (não toma banho), descuidada, desarrumada, horrorosa, bagunçada, detestada por todos, cabelos bagunçados e sujos, roupas encardidas e rasgadas, não parece ser princesa, sem modos, desajeitada, pobre, ignorante, não cumpre obrigações, uma bruxa, porquinha.*

Ela é desta forma porque ninguém a educou.

Por fim, a pergunta mais importante tecia: A princesa Aninha é negra? Por quê?

Em Lages dos Negros 30% disseram que sim, em contrapartida e o que nos chamou a atenção foi o fato de na escola quilombola de Coqueiros não haver nenhuma resposta positiva quanto à negritude de Aninha, ou seja, para estes alunos não há princesas negras. De forma geral, nas atividades, quando responderam por que a Princesa Aninha é negra, as justificativas foram:

“Tem negras limpas e cheirosas.” (sic)

“Podem existir princesas negras.”

“Nem todas as brancas são sabidas.”

“Cada um tem seu jeito e sua cor.”

“Nem toda princesa é branca.”

“Não é proibido a negros serem reis, rainhas ou princesas. Barack Obama, presidente dos Estados Unidos, é negro!”

“Hoje negros e brancos são iguais.”

“Negro é uma cor muito bonita”. (sic)

“O texto não revela a cor e demonstra que não impede de ser negra.”

Ao justificarem por que **Aninha não é negra**, as respostas foram:

“Aninha é uma princesa muito bonita.”

“Ela era uma princesa.”

“Ela é inteligente e rica.”

“Maria é negra e Aninha é branca, porque Aninha é arrumada e inteligente e a Maria não toma banho”.

“Não, porque todo mundo gostava dela”.

“Ela é rica”.

“Pessoa negra não tem casa bonita e não anda arrumada.”

“Claro que não. Eu nunca vi uma menina nega ser princesa.” (sic)

“Negro não tem casa linda e as meninas não andam arrumadas.”

“Negro não tem casa arrumada e as meninas não andam cheirosas, porque não tem condições.”

“Quase que não existem princesas negras e nem arrumadas.”

“Porque quase todos os pais de meninas negras não têm condições de ter uma casa bonita e arrumar suas filhas.”

“Porque a princesa anda arrumada e as meninas negras não têm condição de andarem arrumadas.”

“Porque só vejo menina negra que anda desarrumada.”

“Ela era uma princesa que tinha um lindo jardim e só andava bonita.”

Ao analisarmos as respostas dos alunos, é possível perceber os conceitos que se instalaram em suas construções pessoais acerca do ser negro, que se traduzem em: *“negros são feios, pobres, sem educação e desarrumados”*.

O sentido de beleza e estética apresentado por eles está fortemente amparado em características socioeconômicas, pois aos negros, em suas concepções, resta a pobreza, a falta de educação, ignorância que por sua vez produzem maus tratos, feiura, desarrumação, desorganização.

A menina negra não pode ser princesa não porque tenha características de fenótipo desprezíveis como tipo de cabelo, feições físicas ou cor da pele, como apresentados em outras pesquisas, mas porque é pobre, (HARRIS, 1967):

O resultado dessa qualificação de raça por educação e nível econômico determina a identidade de classe à que o indivíduo pertence. É a classe a que ele pertence e não a raça que determina a adoção de atitudes subordinadas ou superiores entre indivíduos específicos nas relações face a face. [...] Não há grupos raciais contra os quais ocorra a discriminação. Ao invés disso, há grupos de classe. A cor é um dos critérios para a identidade de classe, mas não é o único. (p. 96)

Lima (2010) também reforça tal ideia quando afirma que:

Na sociedade capitalista, em que sobressaem as desigualdades sociais, a reprodução dessa situação impede a mobilidade social do negro, percebendo estes rendimentos de trabalho inferiores aos percebidos pelo branco, associado a trabalhos menos qualificados, ocupando principalmente posições menores em setores de menor status social. (s/p)

Segundo dados do UNICEF (2006), de 2.000 menores carentes, 1.600 são negros. Os negros e mulatos constituem um setor desproporcionalmente alto entre os pobres. A pirâmide social coloca homens brancos e mulheres brancas no topo e homens negros e mulheres negras na base, estando a mulher negra em situação ainda pior.

Dropa (2006) aponta que:

Cerca de 60% dos negros brasileiros estão na faixa de analfabetismo;
Apenas 18% dos negros tem possibilidade de ingressar na universidade;
A expectativa de vida dos negros é de apenas 59 anos (brancos 64 anos);
A qualidade de vida do Brasil o leva a ocupar a 63ª posição mundial, separando só a população negra o Brasil passa a ocupar a 120ª posição; 15,5% dos réus negros respondem em liberdade e os brancos 27%;
O negro é o primeiro a entrar no mercado de trabalho e o último a sair;
A participação do negro em áreas "elitizadas" é ínfima;
As mulheres negras ocupadas em atividades manuais representam 79,4% do total;
Apenas 60% das mulheres negras que trabalham são assalariadas;
As condições de moradia dos negros são quatro vezes pior que a dos brancos;
Dentre a população negra economicamente ativa apenas 6% está ocupada em atividades técnicas, científicas, artísticas, administrativas;
Muitas mulheres negras saem do país como artistas e são recebidas como prostitutas;
As mulheres negras estão nas piores condições de vida do país. (s/p)

O Correio Brasiliense de 13 de maio de 2018 traz em sua manchete “exatos 130 anos depois da abolição, a população negra segue sofrendo com a desigualdade social: representa 63,7% do total de 13,7 milhões de desempregados e ganha bem menos que os brancos, em média R\$1.531,00, contra R\$2.757,00”.

Ao sentirem a realidade dura e injusta na própria pele, os sujeitos participantes da pesquisa que residem em comunidades quilombolas, revelaram uma identidade marcada pela concepção de pobreza, sem a qual não é possível perceber outra forma de ser negro, ou seja, quanto mais próximo ou numa comunidade quilombola, houve maior identidade com a pobreza e a marginalização, pois **100% dos alunos de Coqueiros responderam que a Princesa Aninha não é negra**, quando afirmam que:

“Pessoa negra não tem casa bonita e não anda arrumada.”

“Negro não tem casa linda e as meninas não andam arrumadas.”

“Porque quase todos os pais de meninas negras não têm condições de ter uma casa bonita e arrumar suas filhas.”

“Porque só vejo menina negra que anda desarrumada.”

“Ela era uma princesa que tinha um lindo jardim e só andava bonita.”

Fazzi (2006), em seu livro “O drama racial de crianças brasileiras. Socialização entre pares e preconceito.”, indica que “as relações sociais nas quais a criança participa formam, então, uma espécie de caldeirão, no interior do qual vários ingredientes do preconceito racial estão sendo cozidos. (p. 27)”. Arpini (2003) afirma que “a representação construída é resultado de suas vivências e da forma como eles são representados pelos ‘outros’” (p. 23).

Ao definirem Aninha como “princesa”, o que as negras não podem ser, revelam-se como identificados com uma cultura marginal, cercada de privações, inadequações e sublocação no mundo.

Os estudos sobre identidade negra e/ou preconceito racial apresentados por Fazzi (2006), indicam que “pesquisar o ponto de vista da criança sobre suas próprias relações raciais exige uma metodologia que permita uma observação direta das crianças em ação”. (p 23). Ela categorizou sua pesquisa a partir de três tópicos: classificação racial, xingamentos e padrão de beleza racial com 22 crianças de 8-9 anos de idade, utilizando para isto a entrevista direta, abordagens através de histórias infantis e observação em sala de aula. Além de sua própria pesquisa, a autora apresenta os resultados de outros pesquisadores como Clark e Clark (1966); Figueira (1990); Ginsberg (1955); Porter (1973); Lerner e Lerner (1986), entendendo aos estereótipos raciais negativos como “reação atitudinal de preconceito” (idem, p. 42) onde a “abordagem comparativa aborda raça (ou seu conceito⁴) como produto de específicas forças sociais e históricas”, o que adotamos como parâmetro para o presente estudo.

A consciência racial, como visto em Porter (1973), aparece clara nas crianças quilombolas demonstrando “alta relação entre consciência e contato inter-racial, pois as crianças em escolas não segregadas são provavelmente mais sensíveis para a existência de grupos raciais” (p. 27); uma vez que em seus desenhos cerca de 100% de retratos da Princesa Aninha são caracterizados por meninas brancas, ou seja, por viverem em

⁴ Grifo nosso

situação de pobreza e parcas condições não conseguem visualizar a possibilidade de ascensão social de crianças negras, tornando-se como princesas. Pois demonstraram em suas falas:

“Pessoa negra não tem casa bonita e não anda arrumada.”

“Negro não tem casa linda e as meninas não andam arrumadas.”

“Porque quase todos os pais de meninas negras não têm condições de ter uma casa bonita e arrumar suas filhas.”

Ao reportarem Aninha como branca ou não negra, demonstram seus estereótipos negativos em relação à própria ancestralidade e condição racial. Valle Silva (1994) mostra que “a autoclassificação de cor está contaminada pela situação socioeconômica. (p. 74)” (...) “Assim, no Brasil, não só o dinheiro embranquece, como inversamente, a pobreza também escurece”. (*idem; ibidem*, p. 78). Demonstrando a relação entre linguagem estereotipada, negatizada e preconceituosa.

Observe-se que na comunidade de Coqueiros 100% dos alunos afirmaram não ser possível existirem princesas negras, no entanto, assim como L.C.J (menina quilombola) outras crianças retrataram, através do desenho, Aninha como negra e Maria como branca, o que revela que, em seu inconsciente, o problema da negritude se traduz em bens materiais e não esteticamente.

O psiquismo é um produto da experiência sócio histórica humana. Está, assim, determinado pelas condições sociais nas quais vivem os indivíduos concretos, isto é, reproduz certas características da realidade material e social com o qual esses indivíduos interagem. A vida cotidiana se constitui numa esfera do ser social, poderíamos dizer que o psiquismo humano, de forma geral, sintetiza ou reproduz certas características da cotidianidade. (ROSSLER, 2004, p. 105).

Porter (1973) em sua pesquisa sobre fatores socioculturais, atitudes raciais e autoestima das crianças, elencou oito mecanismos gerais de transmissão: 1) família; 2) linguagem adulta; 3) pistas de comportamento negativo/positivo sobre negros; 4) admiração/elogio sobre brancos e conseqüente desvalorização da negritude; 5) associação negativa sobre sua cor, como: preto e sujo, encardido, escuro; 6) meios de comunicação de massa; 7) observação sobre papéis sociais pela própria criança e por fim 8) material de leitura infantil, tanto de livros didáticos como de literatura; que no seu trabalho ocupou a posição no 6. Para Katz (1982) “parâmetros perceptivos e

linguísticos envolvidos em diferenciação de grupos são de considerável importância na aquisição de atitude.” (p. 37), ou seja, o entendimento é derivado da informação através do discurso, da linguagem.

Figueira (1990), em sua pesquisa sobre preconceito racial mostra que a escola, através de professores e material de estudo é transmissora e reprodutora de preconceito, pelas práticas de declarações racistas; modos de expressão acerca de valores negros ou desconsideração da questão. Para ela, os livros transmitem interpretações estereotipadas e preconceituosas como: animalização da figura do negro; subalternidade e inferiorização social; transmissão de que os negros são minoria social e chegam a funcionar como agente de destruição da identidade dos sujeitos negros e confirmam no branco o sentimento de superioridade.

Arpini (1997) afirma que, se faz necessário que, “a criança encontre, no discurso oficial, referências que lhe permitam projetar-se no futuro, que lhe sirvam de suporte identificatório.” (p. 40).

Ladson-Billings (2008) em sua obra: “Os guardiões dos sonhos. O ensino bem sucedido de crianças afro-americanas”, afirma que “as experiências da vida real dos alunos são legitimadas, na medida em que se tornam parte do currículo ‘oficial’”. (p. 135). E ainda complementa que professoras bem-sucedidas “Têm que trabalhar ativamente contra o constante e repetido desprezo da África, dos africanos e dos afroamericanos”. (*idem, ibidem*), reconhecendo-se como seres políticos, ajudando os alunos a compreenderem o mundo e como ele é e equipá-los para mudá-lo para melhor.

CONSIDERAÇÕES

Algumas ideias podem ser tiradas a partir deste estudo, como: os alunos das escolas pesquisadas não consideraram as princesas feias ou bonitas pela cor que têm, mas pela condição social a que pertencem. As negras crianças quilombolas reforçaram o sentido de ser branco e rico, ser negro e pobre. Em suas falas reproduziram conceitos sociais nefastos: “*Negro não tem casa arrumada e as meninas não andam cheirosas, porque não tem condições.*”.

Estas crianças carecem de modelos negros de sucesso. De pessoas que tendo nascido pobres conseguiram projetar-se socialmente, romperam um ciclo vicioso de negação e superaram suas próprias expectativas. Os meios de comunicação, difusores e

propagadores da estética aceita faz-se responsável por trazer à baila modelos negros de sucesso. A escola brasileira assentada no direito já constituído por Lei, deverá promover debates curriculares, revendo suas posturas e principalmente professores e professoras têm em suas mãos poderoso aliado na luta pela justiça social e pelo reconhecimento de pluralidades que somos; mas com direitos iguais, fortalecendo em seus alunos a necessidade de reivindicarem o cumprimento das Políticas Sociais Inclusivas; a devida distribuição da renda e a garantia de trabalho, proteção e equidade. Não se mudam conceitos da noite para o dia, mas cremos que já passou o tempo de vermos reconhecidos os direitos da população negra e a sua valorização estética, política e econômica.

REFERÊNCIAS

ARPINI, Dorian Mônica. **Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes.** *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2003, vol.23, n.1, pp.70-75.

_____. **Violência sexual contra adolescentes: "Ninguém quer ajudar, só julgar".** Disponível em http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=392. Acesso: 14.04.2019

CORREIO BRASILIENSE. **130 ANOS APÓS ABOLIÇÃO, POPULAÇÃO NEGRA AINDA SOFRE COM A DESIGUALDADE.** . 13/05/2018 08:00
Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/05/13/interna-brasil,680301/130-anos-apos-abolicao-populacao-negra-ainda-sofre-com-a-desigualdade.shtm>. Acesso: 15.04.2019.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** 2ed São Paulo: Editora Atlas. 1989.

DROPA, R F. (2011). **Direitos Humanos no Brasil: a questão negra.** Disponível em: <http://dropius.sites.uol.com.br/negros2.htm>. Acesso: 15.04.2019.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito.** Belo Horizonte: Autêntico. 2006

FIGUEIRA, V. (1990) **O preconceito racial na escola.** *Estudos afro-asiaticos.* RJ: Guanabara.
Disponível em:
<http://arqs.portaleducacao.prefeitura.sp.gov.br/exp/educacaoetnicoracial.pdf>. Acesso: 15.04.2019.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A editorial. 2000.

HARRIS, M. . **Padrões raciais nas Américas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1967.

LADSON-BILLINGS, G. **Os guardiões dos sonhos. O ensino bem sucedido de crianças afro-americanas**. SP: Autêntica. 2008

KATZ, P. **Developmental of children’s Racial Awareness and Intergroup Attitudes**. New Jersey: Ablex publishing Corporation. 1982.

LIMA, T. B. (n.d) **O Comportamento do Negro no Mato Grosso do Sul Frente a Conjuntura Atual**. Disponível em: <http://professorabaze.com.br/?pg=artigosler&id=36>. Acesso: 15.04.2019.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução de Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes. 2003.

MUNANGA, K. As facetas de um racismo silencioso. In: SCHWARTZ, Lilia Moritz; Queiróz, Renato da Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp. 1996.

OLIVEIRA, M. S. B. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 19 n°. 55. 2010.

PORTER, J. **Black child, White child – the development of racial Attitudes**. Massachusetts, Harvard Universit Press. 1973.

RICHARDSON, R. J. & Colaboradores. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas. 2009.

VALLE SILVA, N. do. **Uma nota sobre ‘raça social’ no Brasil**. Estudos afroasiáticos 26. 1994

VIEIRA, L. **A invisibilidade da estética negra: a dor do racismo sobre nossos cabelos**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/a-invisibilidade-da-estetica-negra-a-dor-do-racismo-sobre-nossos-cabelos/>. Acesso: 15.04.2019

YGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1998.